

ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO

A NECA COMO DISPOSITIVO SOCIAL NA REPRESENTAÇÃO DO FALO

Moisés de Figueiredo Guimarães¹

THE “NECA” AS DEVICE SOCIAL IN THE PHALLUS REPRESENTATION

Resumo: Este artigo aborda o conjunto de práticas discursivas de gays que, ao fazerem uso de um dialeto próprio, reclamam sua inserção e visibilidade em espaços sociais predominantemente machistas. Para tanto, o texto inicia-se traçando um breve percurso do corpo para se entender como a “neca” se insere como expressão de um universo gay constituído para além desse corpo, ressignificando e legitimando identidades marginalizadas. Apresentam-se, também, os processos que esses sujeitos operam sobre si mesmos de modo a exercitar certo estilo de vida e que implicações tomam essas novas práticas corporais. Por fim, assinala-se que a representação social da “neca” aponta para uma desordem de valor constituída pela ressignificação do símbolo fálico em uma sociedade falocentrista.

Palavras-chaves: corpo; falocentrismo; neca; dispositivo

Abstract: This article approaches the set of gay’s discursive practices who, when making use of their own dialect, requesting their inclusion and visibility in predominantly sexist social spaces. For both, the text begins by tracing a brief path to understanding the body how the neca fits as an expression of gay universe constituted beyond this body, giving new meaning and legitimizing the marginalized identities. Also presents the processes that operate on these subjects themselves to practice certain lifestyle and what implications it takes in these new bodily practices. Lastly, it is noted that the neca’s social representation points to a value’s disorder constituted by reframing the phallic symbol in a phallogocentric society.

Keywords: body; phallogocentrism; neca; device

1. Docente em Língua Portuguesa e especialista em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo.
e-mail: moiguibr@yahoo.com.br

Neste estudo pretendemos verificar em que dimensão uma performance de gênero estigmatizada reclama uma identidade e que conjunto de práticas discursivas a inscreve. Para isso, investigaremos como a 'neca'² atravessa o corpo numa sociedade falocêntrica e em que medida torna-se um dispositivo social, ressignificando e legitimando identidades marginalizadas.

Em um primeiro momento definiremos o corpo como construto implicado nos discursos que se inscrevem nele. Em seguida, como as representações de gênero disformes à norma estão fragilizadas, uma vez que a heteronormatividade colabora para torna-las invisíveis, reforçando a estigmatização e o esvaziamento de sentido.

O corpo e o seu discurso

Quando a fenomenologia existencial fala de mundo, ela se refere ao mundo de cada um. É por meio do contato com o outro que formamos a consciência da nossa condição. Compreender o mundo que se inscreve em nosso corpo através do discurso que atribuímos a este, é ter a consciência dos fenômenos que estão implicados em nosso modo de viver.

Através de Husserl³ começamos a compreender a realidade humana pela fenomenologia do conhecimento, é através da observação contínua que passamos a ter a consciência dos fenômenos pelos quais o corpo se inscreve. A consciência do homem não é vazia, sempre possui algum conteúdo, dizia Husserl. Isso significa que há uma adequação entre o dado e o algo colocado na consciência, adequação que não se descobre pela percepção nem ocorre pela sensibilidade. Essa adequação vem de algo dado, não identificável por qualquer teoria ou

hipótese consciente, mas presente como vivência fenomenológica.

A inscrição que o corpo tem em nosso discurso implica numa reordenação daquilo que pretendemos nos espelhar. Essa interface com o que nossa consciência prediz de nós mesmos e o meio social contribuem para que nos conheçamos melhor.

O pensamento é uma atividade que se elabora sobre a condição de existir e existir é mais do que pensar. Além disso, a consciência, por seu caráter intencional, reconhece em si algo que dela se distingue. Ao construir o seu mundo, o homem o faz se relacionando. E essa descoberta tem consequências. [...] O conhecimento principia na experiência, mas só é possível em função da anterioridade do existente. Essa experiência do fundamento é o campo das manifestações espontâneas naturais do viver comum que Husserl cognominou *Lebenswelt* ou mundo da vida. (CARVALHO, 1998, p. 12-13.)

A análise de Carvalho nos mostra que as consequências de uma inscrição identitária devem-se pela anterioridade do existente, o indivíduo passa a ter a consciência de seus atos e os atribui na dimensão do corpo. Ao reconhecer que esse indivíduo existe em um certo tempo e lugar, com um determinado tipo de experiência, a fenomenologia identifica o que há de único na existência humana. Essa construção nasce em um meio social, mas a vida é uma realização de escolhas, segundo Husserl.

Um jovem gay que se apropria de um discurso no qual a performance de gênero está demarcada, recria um novo locus de discurso para

2. Segundo VON MONFORT, neca é sinônimo de falo. Do vocabulário gay brasileiro (dialeto): aquilo que representa a genitália masculina. O mesmo que pênis.

3. Edmund Husserl, filósofo alemão de ascendência judaica fundador da fenomenologia. Ciência que busca identificar os aspectos invariáveis da percepção dos objetos e empurra os atributos da realidade para o papel de atributo do que é percebido (ou um pressuposto que perpassa o modo como percebemos os objetos).

“habitar” um meio e se inserir. Essa experiência transita por uma identificação e uma consciência ativa do que se estabelece para além do sistema sexo-gênero⁴.

Esse discurso que ora se inscreve sobre esse corpo e em outro momento, se desconstitui pela condição de impermanência da própria performance, mostra a capacidade criativa do homem em reinventar mecanismos comunicacionais que são apoderados por relações que Husserl define como “manifestações espontâneas naturais do viver comum”. A consciência tem um papel maior do que demonstrar a realidade, ela precede outros campos cognitivos que não permitem ao homem conhecê-la em si mesma, porque começa a se indagar a respeito do que lhe dá sustentação, na medida em que se abre para esta representação do ser. Descobre-se então, a autoconsciência.

Portanto, só através da experiência é que o indivíduo conseguirá atingir a autoconsciência e se inscrever na sociedade, como constituinte de uma identidade.

Tomando como ponto de partida o processo que os sujeitos operam sobre si mesmo de modo a exercitar certo estilo de vida – o cuidado de si⁵ – verificamos que os discursos levam a essência desses sujeitos que, em sua maneira de ser, orientam novas práticas corporais que se reconfiguram na coletividade. Essas práticas só terão imersão na sociedade se, e somente se, não forem silenciadas ou abafadas por qualquer corrente que possa interceptá-las, seja através dos eixos vinculantes familiares, por meio de instituições

de ensino, ou ainda em ambientes onde existem ideologias pragmáticas cunhadas por dogmas ou valores culturais que cerceiam manifestações conflitantes das que já são inteligíveis.

Retomando o objeto de práticas discursivas a que debruça esse estudo, percebemos que a neca – enquanto vocábulo que reestrutura um novo eixo discursivo na comunidade gay que o apropria – rompe com a norma hetero-hegemônica. A neca torna-se um dispositivo social de reinserção social, de revisão cultural de falares – no campo do discurso. Segundo Charaudeau⁶, as características dos discursos dependem essencialmente de suas condições de produção situacionais nas quais são definidas as coerções que determinam as características da organização discursiva e formal. Há, portanto, uma necessidade de se visibilizar, de autodeterminar o locus constituinte de uma cadeia social marginalizada por modos de vida e performances de gênero que estão fora do que a norma institui como modelo. Em uma sociedade predominantemente falocêntrica, a mulher, o homossexual, a transexual, e outras manifestações humanas de identidade de gênero disformes a norma hegemônica, segregarão e coexistirão à margem do que a consciência os emancipará.

Segundo Perucchi (2012, p. 88), é pelo sistema sexo/gênero que se estabelece a institucionalização das condutas corporais heteronormativas. Todas aquelas que atravessam essa essencialidade prescrita estão fadadas a conhecer as limitações que os corpos dominantes pretendem imputar. Sendo assim, reclamar uma

4. Segundo Butler, esse sistema configura uma matriz de significado que impede aos corpos uma formulação alternativa (contra-hegemônica) aos significados de “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino”.

5. FOUCAULT, M. O termo foi cunhado pelo autor para sua obra *História da Sexualidade 3*. O conceito de cuidado de si pressupõe processos pelos quais certas disposições sociais produzem sujeitos, forjando práticas corporais que passam a orientar outras práticas, de si sobre si próprio e sobre outros, criando estilo de vidas.

6. Patrick Charaudeau é um linguista francês que cunhou a ideia de Contrato de Comunicação. A noção de contrato é central na teoria discursiva de Charaudeau: para ele, cada vez que dirigimos a palavra a alguém, ou cada vez que tentamos nos comunicar com alguém — mesmo que através de gestos — o fazemos no intuito ou de cumprir ou de romper um contrato. O contrato pode ser definido como uma relação intersubjetiva que se baseia no status psicossocial que cada um dos parceiros assume para com o outro e reconhece no outro.

identidade é exercer um conjunto de práticas por meio das quais o sujeito se produz, ao mesmo tempo em que cuida de si. Essa produção é realizada, fundamentalmente, pelo corpo em relação a certas disposições sociais, no que se convencionou chamar de “sistema sexo/gênero”.

A neca – como dispositivo social que atravessa o discurso da heteronorma – reinscreve as fronteiras do corpo porque se configura elemento fundante de uma performance de gênero que não se enquadra ao sistema sexo/gênero dominante, porque a neca em si, não representa o falo na sua “real” dimensão: virilidade, masculinidade, dominação. Por esta razão, o gênero institui as fronteiras desse corpo a partir dos limites do socialmente hegemônico, uma vez concebido como um conjunto de gestos e inscrições desempenhados sob a superfície do corpo. Todavia, Foucault (2006) vai confirmar que o sexo será “materializado” pela performatividade dos agentes sociais, sobretudo por meio de práticas de uso dos prazeres que recebem ou expurgam essas superfícies à significação erótica.

Deve-se entender por esse princípio (de isomorfismo) que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido.

As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a

intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade. (p. 267.)

Sendo assim, percebemos que a construção das identidades sexuais e de gênero, corporalmente vivenciadas, processa essa capacidade performática de produção de diferentes sentidos que se inscrevem discursivamente nos modos de vida e que, em diferentes práticas de si, podem ou não serem aderentes a grupos ou “coletivos” familiarizantes.

A neca é um discurso apropriado, conjecturado, que ressignifica o falo para uma comunidade que o atribui com valor oposto – de atividade – a que a performance de gênero dominante o legitima. O dominado assume a passividade e redefine na díade superioridade e inferioridade o locus de valoração do gênero que na representação dominante é submetido: o feminino.

Se tomarmos como exemplos a literatura homoerótica de Jean Genet⁷ e de Caio Fernando Abreu⁸, respectivamente, nas obras *Nossa Senhora das Flores* e *O inventário do ir-remediável*, veremos que o falo é ressignificado através do gênero, ultrapassando os limites da masculinidade e feminilidade, reinscrevendo a homossexualidade como um corpo em trânsito. Em ambas as obras, veremos que o discurso atribuído ao falo reforça o domínio que a heterossexualidade exerce sobre as demais manifestações sexuais. A representação do feminino, a linguagem disposta, são elementos presentes na escrita desses dois autores.

Clément estava sentado na cama e deixava escapar pequenos gritos agudos. Os braços compridos se erguiam e tombavam, inertes, sobre

7. Jean Genet é um escritor, poeta e dramaturgo francês do séc. XX. Nasceu em Paris em 1910 e veio a falecer em 1986.

8. Caio Fernando Abreu é tido como um dos expoentes da literatura contemporânea brasileira, sua obra foi produzida entre as décadas de 1960 a 1990, de modo que o autor vivenciou um período de intensa repressão e autoritarismo político no país, que se iniciou com o golpe de estado em 1964.

os joelhos (do jeito que as mulheres fazem). Chorava. Os belos olhos estavam inchados das lágrimas que rolavam até a boca: “Ai! Ai!” Mas, eu aqui, só, não me lembro mais a não ser do músculo elástico que ele enterrou em mim sem usar a mão. Lembro-me daquele membro vivo em torno do qual gostaria de erigir um templo. Outros tomaram seu lugar. E Divina por Seck Gorgui, e outros por Diop, por N’Golo, por Smail, por Diague. Com Gorgui, Divina logo ficou baratinada. Ele brincava com ela como um gato com um rato. Era feroz. Com a face pousada sobre o peito negro – a peruca bem firme na cabeça –, Divina sonha com a língua dele tão dura quando a sua é mole. Tudo nela é mole. Maciez e firmeza são apenas uma questão de tecidos na qual o sangue é mais ou menos abundante e Divina é anêmica. Divina é de natureza mole. Isto é, de caráter mole, de bochechas moles, de língua mole e de pau macio. Tudo isso em Gorgui é duro. Divina se espanta que possa haver relação entre essas diversas coisas moles. Uma vez que rigidez equivale a virilidade... Se Gorgui tivesse uma só coisa dura... e já que é uma questão de tecido. A explicação foge a Divina que não sonha a não ser que “Sou a Mole-Mole”. (GENET, 1983, p. 197.)

Neste fragmento, temos as representações do feminino e do masculino conformadas pelo gênero sexual e pela construção social dominante que dispõem homem e mulher como ativo e passivo. Ao descrever a personagem travesti Divina como um ser “de natureza mole”, o autor reafirma o falocentrismo presente na sociedade francesa e a contrasta com a virilidade de Gorgui, um personagem gigolô da história. Em todo momento, o autor reforça que em tudo nele é viril e, a “ela” só caberia o seu oposto: “a língua dele tão dura” e “Tudo nela é mole”.

Percebemos, nesta construção dos personagens, a evidência de uma tentativa de ressignificar o falo através da “natureza mole” de Divina, entretanto, o próprio autor confirma o lugar

da marginalidade da travesti quando diz que o seu caráter é mole. A moral da heteronorma não coaduna com a “moleza” de uma representação humana que não possa ser enquadrada num modelo heterossexual. Logo, o falo mole, o papel sexual da travesti dispõe com um dispositivo na representação do falo na sociedade moderna.

Caio Fernando Abreu contribuiu muito para ressignificar o falo na literatura brasileira durante o período da ditadura militar, construindo uma narrativa coesa da homossexualidade como dispositivo social de reafirmação de direitos.

Perto da minha casa morava um soldado da brigada. A minha mãe era madrinha dele, a mãe dele era viúva. Quando crianças, nós brincávamos muito, mas era um guri esquisito como o diabo. Todo delicado, cheio de não-me-toques, loirinho, com uns olhos claros, uma cor que eu nunca mais consegui lembrar depois que ele se matou. Todos os sábados de manhã ele ia visitar mamãe, levava umas frutas ou um doce qualquer que a mãe dele tinha feito e ficava conversando na sala, feito moça. Logo que minha namorada casou, eu nem olhava pra ele, de tanto ódio. Depois comecei a armar uma vingança. Quando ele chegava eu ficava passando na sala sem camisa, às vezes até sem calças, só de cuecas. Ele ficava todo perturbado e desviava os olhos. Eu sentava perto, encostava a perna, piscava um olho pra ele na hora de apertar a mão. Um dia convidei-o para fazer uma pescaria comigo. Levamos uma barraca, cobertores, pinga, duas dessas camas de armar. E de noite eu comi ele. Com gosto. Como se estivesse com o pau na bunda de todos os soldados da brigada do mundo. Ele nunca mais foi lá em casa, a minha mãe reclamava, parava ele na rua para perguntar por quê. Até que ele tomou formicida e morreu. (ABREU, 1995, p. 84.)

Assim como Jean Genet, neste fragmento, o autor brasileiro Abreu apresenta o feminino na forma gestual do garoto “delicado, cheio de não-me-

toques” que antes de ser soldado da brigada sempre se comportou como uma mulher “conversando na sala, feito moça”. A confirmação da passividade do soldado – logo, sua homossexualidade – vem com a vingança do vizinho que, inconformado com o casamento de sua namorada, passou a assediá-lo até concretizar com o ato sexual. De forma rápida, o autor apresenta o desfecho após o assédio homossexual por um “hétero” que “comendo” um gay reafirmaria a sua virilidade: heterossexualidade.

Reinventando-se, portanto, um conceito que não cabe à “atividade” os falos moles, o corpo por si só denuncia através de estereótipos o que é homem ou mulher, falo ou neça, dominante ou dominado, viril e passivo, reforçando o preconceito e a marginalidade de gênero e orientação sexual.

A neça produz um conceito que atravessa a fronteira do falo, porque ela, por si só, é a margem resignificada de uma construção sexual que está sempre em transformação. Não seria este o modo de visibilidade que desconstrói o conceito de masculinidade e repensa o próprio processo performático que o discurso gay, inscritos nesses contextos sociais, estaria definindo?

Segundo Penteado e Gatti (2011), as masculinidades estão presentes nas mais variadas expressões e contextos sociais. As novas formas de resignificação de masculinidades com vivências pessoais permitem aferir a multiplicidade de expressões que se encontram no universo gay. Repensar definições de gênero, identidade e o lugar da cultura e das práticas sociais, é também ir de encontro a novos paradigmas que estão inscritos nesses atores sociais – aqui, representados por aqueles que tomam o discurso das necas – como um ativismo de lugar e representação social.

Referências

ABREU, C. F. *O inventário do ir-remediável*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 153-172.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, J.M. *O homem e a filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Coleção Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CHARAUDEAU, P. *O contrato de comunicação em sala de aula*. Trad. Diléa Pires. São Paulo: Pratiques, 1999b. n. especial.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GENET, J. *Nossa Senhora das Flores*. Trad. Newton Goldman. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

PENTEADO, F. M.; GATTI, J. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição dos corpos na contemporaneidade. *Bágoas: Revista de Estudos Gays*, v. 6, n. 7, p. 81-97, 2012.

VON MONFORT, D. Prefácio. In: GUIMARÃES, M. *Neca falônica*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

Bibliografia consultada

ABREU, C. F. *Caio 3D: o essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ADORNO, T. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: Notas de Literatura I. São Paulo: 34, 2003.

BOURDIEU, P. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: MICELI, s. (Org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 183-202.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. Campinas n. 28, p. 19-54, 2007.

JUIJPEN, W. A. M. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.